

A Esferologia de Peter Sloterdijk e a Depressão como Luto pela perda do Nobjeto

*Peter Sloterdijk's Spherology
and Depression as Grief for the Nobject's loss*

*La Esferología de Peter Sloterdijk
y la Depresión como pérdida de el Nobjeto*

*Lucca de Menezes Passos Barbosa¹
Paulo Eduardo Rodrigues Alves Evangelista²*

Resumo

Este artigo apresenta a esferologia do filósofo alemão Peter Sloterdijk. Este artigo divide-se em três partes, a saber: (1) quem é Peter Sloterdijk; (2) introdução à teoria esferológica; e (3) apresentar sua teoria sobre a depressão. Como método, utiliza-se a pesquisa bibliográfica com a obra de comentadores e do próprio autor, seus conceitos de nobjeto e esferas, e sua compreensão decorrente da melancolia. A esferologia busca compreender como o ser humano se relaciona existencialmente com seu espaço, mais especificamente, como ele habita seu mundo. Para tal, o filósofo parte do princípio de que toda existência se inicia, necessariamente, por meio de relações, e é com elas que se constitui a habitação. Nessa compreensão, Sloterdijk trabalha a ideia de que toda vida é movida, animada, com base na relação com seus aliados íntimos – acompanhantes existenciais que promovem e sustentam sentido existencial – e é por meio dessas relações fortes que o sujeito constitui sua morada no mundo. Por essa razão, o autor elabora uma teoria etiológica sobre o fenômeno da depressão: trata-se da perda do polo complementar (nobjeto). Busca-se,

1 Universidade Federal de Minas Gerais, MG, Brasil. <https://orcid.org/0000-0002-0840-286X>. E-mail: luccampb@gmail.com

2 Universidade Federal de Minas Gerais, MG, Brasil. <https://orcid.org/0000-0001-9691-6141>. E-mail: pauloeevangelista@gmail.com

Agências de fomento: Pró-Reitoria de Pesquisa da UFMG pelo Programa de Iniciação Científica Voluntária

com isso, apresentar o autor para as áreas da psicologia, entendendo que, com base na esferologia, outras perspectivas de compreensão e terapêutica se abrem para a psicopatologia e para a clínica psicológica.

Palavras-chave: Peter Sloterdijk; Esferologia; Depressão; Melancolia.

Abstract

This article presents Spherology, theory developed by the German philosopher Peter Sloterdijk. It is divided into three parts: 1) who is Peter Sloterdijk; 2) introduction to the Spherology theory and 3) the author's theory on depression. As a method, bibliographic research is used with the work of commentators and the author himself to present his concepts of Nobjects and Spheres, and the resulting understanding of depression. Spherology seeks to understand how the human being relates existentially to his space, more specifically, how he inhabits his world. To this end, the philosopher starts from the principle that all existence necessarily begins through relationships, and it is through these that dwelling is constituted. Sloterdijk works with the idea that all life is moved and animated from the relationship with its intimate allies - existential companions that promote and sustain existential meaning - and it is through these strong relationships that the subject constitutes his dwelling in the world. With this, the author elaborates a corresponding etiological theory about the phenomenon of depression: it is the loss of the complementing pole (nobject). The article seeks, then, to introduce the author to Psy- studies, understanding that Spherology opens up new perspectives in Psychopathology and Clinical Psychological.

Keywords: Peter Sloterdijk; Spherology; Depression; Melancholy.

Resumen

Este artículo presenta la Esferología, del filósofo alemán Peter Sloterdijk. Se divide en tres partes: 1) quién es Peter Sloterdijk; 2) introducción a la teoría del bolígrafo y 3) presentar su teoría sobre la depresión. Como método, se utiliza la investigación bibliográfica con el trabajo de los comentaristas y el propio autor, sus conceptos de Nobjeto y Esferas, y su comprensión resultante de la Melancolía. La esferología busca comprender cómo el ser humano se relaciona existencialmente con su espacio, más específicamente, cómo habita su mundo. Con este fin, el filósofo parte del principio de que toda existencia comienza necesariamente a través de las relaciones, y es a través de ellas que se constituye el habitar. En esta comprensión, Sloterdijk trabaja con la idea de que toda vida se mueve, se anima, desde la relación con sus aliados íntimos -compañeros existenciales que promueven y sostienen el sentido existencial- y es a través de estas relaciones fuertes que el sujeto constituye su morada en el mundo. Con esto, el autor elabora una teoría etiológica correspondiente sobre el fenómeno de la depresión: es la pérdida del polo complementario (nobjeto).

Se busca, con ello, introducir al autor en las áreas Psi, entendiendo que, desde la Esferología, se abren otras perspectivas de comprensión y terapia a la Psicopatología y la Clínica Psicológica.

Palabras clave: Peter Sloterdijk; Esferología; Depresión; Melancolía.

“Seu dublê era um cadáver!”

A outra costela da morte, Gabriel Garcia Marquez.

“Não há deserto maior que uma casa deserta.”

A Bagaceira, José Américo de Almeida.

Este artigo visa tratar da obra do filósofo alemão Peter Sloterdijk, especificamente a esferologia, teoria que o autor desenvolve na trilogia *Esferas*. Essa teoria se baseia fortemente, ainda que não de maneira exclusiva, na noção de ser-no-mundo-com-outros, da fenomenologia de Martin Heidegger. Sloterdijk (2016) desenvolve uma antropologia filosófica existencial do ser-em, isto é, da condição humana de habitar espaços compartilhados. Assim, o pensador alemão formula importante discussão sobre a coexistência como fundante da existência individual, ou seja, que, para se tornar ser-no-mundo, uma existência precisa antes ser recolhida e acolhida no mundo por outras existências. Ademais, propõe o conceito de nobjeto para indicar a relação da existência com algo ou alguém para além de si mesmo que é vivida como uma díade una, ou seja, não cindida entre sujeito e objeto. Havendo falha no processo de participação do mundo recepção no mundo compartilhado – que ele chama de esfera – a existência pode não se desenvolver na direção da autonomia e autossustentação para coabitar outros mundos e relações significativas.

O filósofo explora essa discussão brevemente no livro *Esferas* (Sloterdijk, 2016), ilustrando com o fenômeno da depressão. Considerando que sua proposta pode ser frutífera para a compreensão da etiologia dessa experiência psicopatológica – e do luto, que se articula –, objetiva-se recolhê-la e apresentá-la tematicamente, de modo a torná-la mais conhecida no campo das ciências psicológicas.

Dessa forma, o presente texto tem três objetivos principais: 1) apresentar quem é Peter Sloterdijk; 2) introduzir sua teoria esferológica, (em

especial a microesferologia, desenvolvida no livro “*Esferas 1 – Bolhas*” (Sloterdijk, 2016); e 3) com base nesta breve apresentação, discutir sobre seu entendimento do fenômeno da depressão, derivado dessa concepção de (co)existência. Para tal, percorrer-se-á a seguinte ordem: 1) Quem é Peter Sloterdijk, e qual sua relevância no panorama intelectual contemporâneo; 2) O que são nobjetos; 3) O que é a esferologia; e 4) uma teoria esferológica da depressão.

O método utilizado foi a revisão narrativa. Essa metodologia tem como característica central uma participação ativa do autor no processo de análise crítica, dessa forma, criando uma síntese qualitativa abrangente do campo estudado (Rother, 2007). Tal metodologia é mais propícia para integrar campos por vezes distintos (Cook, Mulrow & Haynes, 1997), como no presente artigo, articulando a obra de Sloterdijk para pensá-la no contexto de áreas da psicologia.

Findo o artigo, pretende-se ter introduzido a esferologia e apresentado a compreensão decorrente sobre a melancolia³, de forma a disseminar o pensamento desse filósofo no Brasil e, em especial, ao público da psicologia, área na qual se acredita que o teórico alemão tenha muito a contribuir.

QUEM É PETER SLOTERDIJK

Nascido em 1947, Peter Sloterdijk é um filósofo alemão, original da cidade de Karlsruhe. Estudou filosofia, história e germanística nas universidades de Munique e Hamburgo entre os anos de 1968 e 1974. Após defender sua tese de doutorado em 1976, viveu na Índia entre os anos de 1979 e 1980, período esse que o filósofo conta como tendo uma especial relevância em relativizar os paradigmas científicos e filosóficos ocidentais e, sobretudo, o *zeitgeist* alemão (Ghiraldelli, 2018). De 1992 até 2017, ocupou a cadeira de Filosofia e Estética da Universidade de Artes e Design de Karlsruhe, sendo reitor dessa universidade de 2001 a 2015. De 2002 a 2012, apresentou o programa de TV *O Quarteto Filosófico*, junto do filósofo Rüdiger Safranski.

3 Os termos “Depressão” e “Melancolia” serão usados aqui como sinônimos, assim como na obra de Sloterdijk.

Desde 1983, com a publicação do livro *Crítica da Razão Cínica*, Sloterdijk (2012) já apresenta uma visibilidade relevante no panorama intelectual contemporâneo, como um autor inovador e renovador do pensamento filosófico. A obra do filósofo abrange uma variedade de temas e conversa com diversas escolas e autores da filosofia, desde Nietzsche à Teoria Crítica, de Adorno, passando por Foucault, Derrida, Heidegger, Bachelard, entre outros. Nas últimas décadas, Sloterdijk desenvolveu obras que compreendem a modernidade e a contemporaneidade, principalmente no que tange à questão do espaço, o que nomeou como processos de imunização (Ghiraldelli, 2018). Com esses trabalhos, que incluem a trilogia *Esferas*, a obra do filósofo tem grande destaque na reflexão científico-humano acerca da própria contemporaneidade. Seus escritos são referência para importantes pensadores contemporâneos e estudos sobre arquitetura e urbanismo, geografia, teologia, além de várias outras áreas. Já recebeu diversas premiações por sua obra, como o prêmio Sigmund Freud de prosa científica e o prêmio Helmuth Plessner, pelo desenvolvimento na área da antropologia filosófica.

Elencam-se esses dados biográficos e acadêmicos, pois nota-se que são de especial relevância para mostrar um pouco da versatilidade e da grande quantidade de referências com as quais o autor trabalha e os diversos contextos nos quais sua obra se insere. Como descrito por Pessanha (2017, p. 38), Sloterdijk é um “cultorólogo e mega-abraçador de mundos”. Sua obra articula saberes diversos com profunda erudição (Ghiraldelli, 2018). Dessa forma, ler Sloterdijk é se deparar com uma escrita muito diversa, exuberante e intrigante.

Na trilogia *Esferas*, o autor se debruça sobre a questão da habitação⁴, de modo a contar “uma história abrangente do acontecer humano [cuja] chave é o espaço” (Pessanha, 2017, p. 9), visando narrar a história

4 Com o termo “Habitação”, em maiúsculo, vale precisar que se diz de sua conotação mais “existencial”; isto é, algo como o sentimento de estar contido e contemplado pelo/no mundo em que se vive. Esse adendo também se presta para termos como “proximidade”, “intimidade” e palavras similares. A referência mais importante no desenvolvimento dessa temática é a obra de Heidegger, filósofo que descreveu a existência humana como “ser-no-mundo” e que publicou o ensaio “Construir, habitar, pensar” (2002). Crê-se que, com o desenvolvimento do texto, ficarão mais claras as conotações que se traz aos termos.

da Habitação dos homens no que chama de “criações espaciais imunologicamente efetivas” (Sloterdijk, 2016, p. 29) – as Esferas. Assim, por meio de sua metodologia particular, Sloterdijk trata da pergunta “onde estamos quando estamos no mundo?” (Sloterdijk, 2016, p. 29), de forma a renovar o entendimento sobre o que significa habitar e como o homem constrói seu lugar, sua habitação no mundo. Para isso, o filósofo reconstrói certos entendimentos sobre a ontogênese e a filogênese humanas, pensando desde a formação intrauterina, passando pelas primeiras relações de proximidade, até o pertencimento no que ele entende por “interiores expandidos” das grandes sociedades (conceitos que serão mais bem abordados adiante). Esses diferentes momentos, da participação em relações pequenas (i.e. família, pequenos grupos) – a microesferologia – até as grandes (i.e. no nível social) – a macroesferologia. Enquanto esses dois temas são tratados nos dois primeiros volumes da trilogia *Esferas* (*Esfera 1 – Bolhas e Esferas; Esfera 2 – Globos*), o terceiro volume, intitulado *Esferas 3 – Espumas*, traz todo o aparato teórico desenvolvido nas obras precedentes para uma análise do mundo contemporâneo⁵. Para o intuito do presente artigo, trabalhar-se-á, em especial, com o primeiro volume da série, sobre a microesferologia, que foca no desenvolvimento humano no interior imunológico das relações duais.

O QUE SÃO NOBJETOS

O termo “nobjeto” é usado por Sloterdijk para propor outro entendimento do fenômeno chamado pela psicanálise de relações objetais. Ele desenvolve uma teoria que descreve de outra forma a relação primordial mãe-bebê. Para isso, o autor rejeita as concepções usuais da relação sujeito-objeto para desenvolver uma análise medial sobre a forma como a criança se relaciona com as coisas ao seu redor.

Nesse sentido, a concepção de Sloterdijk situa-se na fenomenologia existencial de Heidegger, por qual a existência deve ser compreendida como ser-no-mundo, isto é, abertura perceptiva e receptiva dos entes do mundo

5 Por enquanto, somente o primeiro volume foi traduzido para o português.

– coisas, outros e si mesmo. Do ponto de vista ontológico e da experiência humana, a intimidade com as coisas e com os outros no mundo é anterior à cisão teórico-filosófica entre sujeito e objeto.

Na abertura da trilogia *Esferas*, Sloterdijk apresenta a gravura *Bubbles*, de G. H. Every sobre tela de Sir John Everett, que ilustra um menino acompanhando a subida de uma bolha de sabão que ele soprou. Não há uma separação entre sujeito insuflador (menino) e objeto insuflado (bolha), mas uma copertença na qual menino e bolha são um só acontecimento extático. Nas palavras do autor, após soprar o balão, “Segue-o a esperança da criança extasiada. É ela própria que desliza com sua bolha mágica no espaço exterior, como se, por alguns segundos, seu destino estivesse ligado ao daquela ansiosa criação” (Sloterdijk, 2016, p. 19).

Por análise medial, Sloterdijk aponta o meio entre as coisas, isto é, o próprio relacionamento entre elas. Quando se fala de relação sujeito-objeto, suprime-se o que é a própria experiência de se relacionar com algo, colocando um primado de separação entre um objeto distante e uma subjetividade que meramente o apreende e interage/relaciona-se com essa representação. Em especial, tratando da experiência infantil mãe-criança, uma análise do tipo é descabida, “porque aqui, nas coisas elas próprias, não há ainda em parte alguma relações entre sujeito e objeto” (Sloterdijk, 2016, p. 269); isto pois, as experiências de intimidade (tal como se pensa uma relação mãe-bebê saudável) nunca são apreendidas com a distância de um objeto, mas sempre como uma relação de proximidade enriquecedora.

Cumprindo ainda destacar que as relações indicadas por Sloterdijk (2016) podem ser com coisas (criadas ou naturais) ou com outras pessoas. A existência extática da criança, por exemplo, pode ser a bolha de sabão soprada, um bicho de pelúcia, uma planta, outra pessoa etc. Esses entes não são “objetos” separados daquele que com eles *ex-siste*, mas, sim, nobjetos insuflados-insuflantes.

A análise medial, de Sloterdijk, indica os meios pelos quais e nos quais se dão as primeiras formas de habitar no mundo. Nisso, é interessante notar como esse conceito se articula com a noção fenomenológica de “Ser-no-Mundo-Com-Outros” – isto é, os outros de um mundo nunca são meros sujeitos que passam por nós, pois o outro é constitutivo da própria

tessitura do que é o mundo. É dessa base de participação e pertencimento que o restante da existência parte e se desenrola; e é baseado nisso que Sloterdijk se fundamenta para desenvolver a concepção de *relações fortes*.

Com isso, como o autor pensa a relação do humano em/com seu meio? Para se iniciar nessa questão, é necessário explicitar o seguinte princípio: a Esfera (o espaço) na qual o homem habita é composta por, no mínimo, dois polos, o polo do não sujeito e o polo do não objeto (nobjeto), e é essa díada que estabelece a “situação de companheirismo ampliador” (Ghiraldelli, 2017, p. 46). Explicitar-se-á o conceito de *esfera* mais adiante, contudo, o que já se pode delinear é o aspecto diádico da existência humana – isto é, a existência constitui-se e institui-se em relação e, particularmente, desenvolve-se em relações de companheirismo, aliança. Seja a relação do bebê com a mãe, uma paixão por certo gênero musical, a prática intensa de um esporte, uma amizade etc. – qualquer relacionamento, em sentido ampliado –, a existência se faz em relações de pertencimento, participação, intimidade: relações estas cuja marca é a capacidade de instituir um horizonte existencial comum para aqueles que dela participam. Dessa forma, o que o não sujeito e o não objeto apontam é a proximidade (des-afastamento, conforme a etimologia da palavra em alemão) na qual as relações se realizam, e como é esse aspecto medial de companhia que confere sentido à existência. Assim, “nobjetos são coisas, meios ou pessoas que assumem para os sujeitos a função de gênio vivente ou complemento íntimo” (Sloterdijk, 2016, p. 423) – são os acompanhantes que animam⁶ a existência na díada esférica.

Dessa forma, a existência humana passa a ser vista como algo de caráter necessariamente diádico e medial. Ou seja, nunca se existe sozinho, individualmente – é marcante da existência a situação de acompanhamento e de relação, sendo nesta condição de dupla (i.e. aliança) que se anima a existência, confere-se sentido a ela. Faz-se notar a relevância do termo *animação*, como uma espécie de motor das formas como os sujeitos se relacionam e performam no mundo: “toda animação é um acontecimento

6 “Animar”, no caso, refere-se a ânima: alma, sopro de vida

mediático” (Sloterdijk, 2016, p. 274). De acordo com Cespedes (2018, p. 314): “essa abordagem ontológica relacional e espacial, ao prescindir dos meios como entidades intersticiais, reforça a inclinação (...) de voltar-se às mediações das subjetividades em detrimento dos meios e das análises midiáticas”.

Como Sloterdijk pensa essa situação de acompanhamento como sendo originária da existência humana, sua investigação visa construir uma forma de pensar voltada para o pertencimento, desenvolvendo uma “arqueologia da intimidade” (Ghiraldelli, 2017, p. 29) – ou seja, como, desde sempre, o ser humano já existe em relações íntimas ampliadoras. Por isso, a exposição do autor se volta para pensar como e com o que/quem o ser humano se relaciona desde o início da existência. Neste propósito, o autor desenvolve o que chama de “ginecologia negativa” (Sloterdijk, 2016, p. 247) – isto é, “adentrando no início da vida”, busca pensar as primeiras formas de acompanhamento existencial na vida intrauterina.

Não nos delongando muito sobre a argumentação e demonstração feita na obra, a ginecologia negativa compreende que, numa mera presença/vida intrauterina solitária (isto é, sem formas de companhia ampliadora), não haveria como desenvolver-se qualquer espécie de subjetividade, qualquer *ex-sistência*. Com isso, Sloterdijk (2016, p. 321) reconstrói extensamente a história de como diferentes culturas tratavam da placenta – um “órgão primitivo (...) cuja função é estar à disposição do pré-sujeito fetal como parceiro na penumbra”, o primeiro aliado existencial. De acordo com o autor, é esse órgão o responsável por injetar existência no que, de outra forma, é apenas biológico – ou seja, é na relação feto-placenta que a existência dá o primeiro passo na criação/descoberta de um mundo significativo; na primeira aliança que constrói um “espaço íntimo bipessoal” (Sloterdijk, 2016, p. 317).

Neste momento, muito mais que elaborar algum tipo de argumentação ginecológica (ao pé da letra), Sloterdijk chega num ponto central: não há existência sem acompanhamento, sem aliança, sem um espaço de intimidade que habilita o movimento no mundo. No dizer poético do autor:

7 Por “mediático”, entenda-se o caráter medial a que se refere.

“Se eu fosse apenas um negrume de basalto, como poderia ter germinado em mim algum vago sentimento de ser-em? (...) Haveria uma montanha prenhe de algo que não seja rocha?” (Sloterdijk, 2016, p. 314-315).

Com isso, a narrativa acerca do acompanhamento intrauterino da placenta desemboca na seguinte tese: “todos os nascimentos são nascimentos de gêmeos; ninguém vem ao mundo desacompanhado e sem escolta” (Sloterdijk, 2016, p. 375). Após o nascimento, esse primeiro *-com* placentário “deixa um lugar esférico vazio no espaço ao redor da criança, sua protegida e irmã gêmea (...), deixando aberto o lugar de sua ausência (...), o contorno de uma primeira partida” (Sloterdijk, 2016, p. 376). Dizendo de forma livre, se a “central de energia” que anima a existência humana tem “dois espaços” – a estrutura da díade não-sujeito e não-objeto –, à medida que aliados primeiros vão “desocupando” esse lugar, “a vaga sobresalente” – em uma existência saudável – vai sendo reocupada por outros nobjetos, outras relações, num movimento de acompanhamentos e desacompanhamentos sucessivos. Assim, nessa chave sloterdijkiana, o sujeito será, por toda a sua vida, a outra parte de um polo que o complementa (ou não). Por isso, outra questão necessária de pontuar é: como parte alguém dessas primeiras formas tão próximas de relação (placenta, mãe, família etc.) para diferentes situações, para espaços maiores (por exemplo, em instituições, num movimento musical, como membro de uma classe) – para as contingências da existência e, ainda assim, as habita? Esta questão se faz mais clara se considerar os diferentes meios por onde o homem passa e habita – desde o útero à participação social –, com uma variação muito importante a ser considerada: o tamanho de cada invólucro. Por exemplo, as relações em uma família são um interior particular e de diferentes graus de pertencimento de, diga-se, a integração numa torcida organizada, como um estudante universitário, como um brasileiro etc. Ao citar esses diferentes meios, o que se deve estar em foco é a qualidade destes como *interiores expandidos* – ou seja, formas de pertencer em meios maiores: “o estar-fora só pode significar o prolongamento, em outro meio, do estar-dentro” (Sloterdijk, 2016, p. 296). É assim que Sloterdijk interpreta o conceito de

Dasein, de Heidegger. *Da* (aí) *sein* (ser) significa habitar uma interioridade simbólica, cultural, em suma, mundos. A exterioridade indicada no *ex* de *ex-sistência* (existência) é o estar fora (no interior) de mundos.

No que se trata dessa transição entre diferentes lugares de habitar, Sloterdijk a nomeia *Transferência*: a capacidade, a versatilidade, flexibilidade existencial que cada indivíduo cria/descobre quando participa dessas primeiras formas de Habitação e que, com o passar do tempo e da intimidade desenvolvida, permite o trânsito entre diferentes meios (diferentes Esferas). No pensamento do autor, essa capacidade está essencialmente atrelada aos acompanhamentos do sujeito – isto é, à flexibilidade que suas alianças lhe permitem, e à capacidade de, diante de se encontrar exilado de seus interiores costumeiros (sem habitação), conseguir refazer/reencontrar um acompanhamento vitalizante. Poder-se-ia pensar, por exemplo, nos movimentos de migração: de como cada cultura *transfere* seus aliados (sua culinária, seus nomes, suas tradições) para o novo lugar e, com isso, constitui morada.

Com a expansão das Esferas de cada um (por exemplo, a saída do núcleo familiar para o colégio), cada sujeito leva consigo “o legado de lembranças do antigo campo simbiótico e de sua força coesiva” (Sloterdijk, 2016, p. 53). Com a mudança de meios – a explosão das Esferas anteriores, a entrada de terceiros, quartos e quintos elementos – para outros que lhe são (inicialmente) estranhos, o sujeito carrega junto de si seu vocabulário prévio de modo a incorporar/trazer para si esse algo novo de forma cabida – fazer do exterior parte nova de seu interior. Nas palavras de Sloterdijk, a *Transferência* é a “origem formal de todos os processos criativos que animam o êxodo dos homens para o campo aberto” (2016, p. 16). Desse modo, estabelece-se que “os limites de minha capacidade de *Transferência* são os limites de meu mundo” (Sloterdijk, 2016, p. 16).

Em síntese, o homem existe sempre em formas de relacionamento com o que Sloterdijk chama de nobjetos; essas formas de aliança têm um valor especial que é, a saber: animar a existência ao ser o que permite a criação e descoberta do espaço próprio compartilhado, ou seja, da Habitação no mundo. Com o decorrer da vida e a mudança nas alianças, a capacidade de manter-se Habitante do mundo (*Transferência*) remete à confiança/

intimidade construída desde as primeiras formas de acompanhamento. Assim, caminha-se para um entendimento do que significa *Habitar* para Sloterdijk. O que são as Esferas em que se habita?

A ESFEROLOGIA

A Esferologia sloterdijkiana pode ser compreendida como o desenvolvimento de uma analítica existencial do lugar – do ser-em – (Pessanha, 2018, p. 44), de forma que, em concordância ao projeto heideggeriano de “Ser e Tempo”, a Esferologia se desenvolve em uma espécie de “Ser e Espaço” (Sloterdijk, 2016, p. 309). Nesse panorama teórico, Sloterdijk vai tratar da questão da Habitação – o que significa “Habitar” para o ser humano e como isso se dá.

A Antropologia filosófica do autor parte de dois pontos: 1) o homem é um ser de abertura, isto é, exposto e suscetível à sua qualidade de “marginal ontológico que inquieta a si próprio” (Sloterdijk, 2016, p. 78) – assim, trabalhando com o conceito heideggeriano de *ek-sistência*: do homem diante de sua própria condição de existente com a tarefa de estar-aí e compreender-se; e 2) o ser humano, antes de *ser-lançado* (*Geworfenheit*) no nada do mundo, é “acolhido extaticamente” (Sloterdijk, 2016, p. 78) em interiores: existindo em seu contexto histórico determinado e limitado, marcado pela facticidade, o ser humano *Habita* esse mundo no qual nasceu, no sentido do pertencimento e da moradia: “quando se fala de um habitar no mundo não se quer dizer, simplesmente, prover seres já existentes de uma domesticidade na vastidão: *pois o que está em jogo é exatamente esse poder estar em casa no mundo*”. (Sloterdijk, 2016, p. 302, grifo nosso).

Com isso, o que Sloterdijk desenvolve é uma filosofia que se volta para o que chama de “Imunologia”. Isto é, como o homem, exposto e ameaçado por sua própria abertura ontológica, desenvolve formas próprias de Habitar no mundo, de se imunizar contra o nada, da não estruturação, do aberto? A seguir, explicitar-se-ão as implicações desse ponto de partida.

Tratando dessa questão na chave da espacialidade existencial, o que o filósofo demonstra – por meio de uma pesquisa histórica vasta – é que os homens realizam esse feito inseridos no interior de suas culturas. Estas são

como estruturas sociais, familiares, coletivas – conviviais – criadas coexistencialmente, e que servem como bolhas protetivas que contém, propõem sentido e animam a existência humana. Retomando o vocabulário do autor, essas bolhas protetivas são as Esferas, e é nas Esferas que se habitam, e são as Esferas que permitem às pessoas Habitar. De acordo com Sloterdijk (2016), estar no mundo é estar em Esferas:

A esfera é a rotundidade fechada, dotada de um interior compartilhado, que os homens habitam enquanto têm sucesso em se tornar homens. Como habitar significa sempre constituir esferas, menores ou maiores, os homens são as criaturas que estabelecem mundos circulares e olham em direção ao exterior, ao horizonte. Viver em esferas significa produzir a dimensão na qual os homens podem estar contidos. *Esferas são criações espaciais imunologicamente efetivas para seres extáticos sobre os quais opera o exterior.* (p. 29, grifo nosso)

Dito isso, ainda faltam às pessoas dois aspectos para compreender propriamente a noção de Esfera desenvolvida pelo filósofo: 1) a qualidade desta espacialidade; e 2) sobre o aspecto comunal da constituição da Esfera – isto é, pensando que a Habitação se faz necessariamente à luz do acompanhamento (a coexistência, o ser-com), como esse processo se dá.

A espacialidade existencial que Sloterdijk descreve não é a dos espaços geométricos; da mesma forma que o *-em*, de ser-em, não deve ser entendido por uma lógica de receptáculos, como “coisas contidas *dentro* de coisas”. O “ser-em” significa “moro em...” “estou familiarizado com...” (Heidegger, 1967, p. 54; como citado por Sloterdijk, 2016, p. 302), tratando-se, assim, do caráter da proximidade, intimidade com o mundo dentro do qual o Dasein habita. Mais uma vez, reitera-se que o sentido dado ao termo “Habitar” vai para um entendimento mais existencial, vivencial e experiencial, e esse aspecto, de acordo com o autor, é algo de caráter *surreal*:

A teoria do Íntimo, a ser desenvolvida na análise das microesferas que se segue, está dedicada à tentativa de mostrar que todas as ciências do homem

aportaram desde sempre contribuições para um surrealismo topológico⁸, porque em nenhuma época foi possível falar de homens sem lidar com as bruxuleantes poéticas do espaço interior habitado (Sloterdijk, 2016, p. 83).

Sobre esse caráter surreal, Sloterdijk (2016) pensa que o convívio humano também se dá nessas formas. O autor propõe pensar que, na comunhão que é viver em uma relação, família, sociedade etc. – relacionar-se em uma determinada cultura de determinado tamanho e extensão –, as subjetividades, os modos-de-ser – se entrecruzam e se “inter-habitam”. Dizendo de forma mais livre, pode-se pensar em como um vive no outro; há um pouco de mim em ti e vice-versa. A forma proposta pelo autor é de vasos intercomunicantes: surrealmente, um se insere dentro do outro e vice-versa, e é esse o formato da coexistência humana, pensando-a como algo estruturante da existência. Desse modo, notam-se mais algumas camadas desse caráter da coexistência:

Aqui [na análise microesferológica], o surreal se torna realidade. Cada sujeito, no espaço cossubjetivo real, é um sujeito que contém outros, à medida que acolhe e abrange outra subjetividade, mas é também um sujeito contido em outros, ao estar rodeado e consumido por seus olhares abrangentes e seus arranjos (Sloterdijk, 2016, p. 80).

Com isso, a principal tese esferológica parte do seguinte princípio: a Habitação se faz necessariamente à luz de uma aliança existencial, um complemento íntimo, de um acompanhante que anima os movimentos vitais da existência, sendo, dessa forma, o ser-com (coexistência) um aspecto necessário do ser-em, que, por sua vez, é o princípio da Habitação comum no/do mundo. Em outras palavras: existe-se *em* lugares apenas à medida que se está *com* outros⁹. Assim sendo, a Esfera é “[...] um espaço biunitário comum de vida e experiência (...) Viver em esferas significa, portanto, habitar o meio impalpável comum” (Sloterdijk, 2016, p. 44).

8 Topologia, dessa forma, se referindo à questão do espaço.

9 Aqui, valem dois adendos: 1) por “outros”, nos referimos ao acompanhamento de Nobjetos, não necessariamente outras pessoas; e 2) ao dizer “*estamos com*”, o estar não aponta primeiramente para algo como uma ‘partilha física’ de lugar, sim muito mais à incorporação de um vocabulário existencial desenvolvido convivialmente; remetemos, assim, às ideias de espaço e intimidade trabalhado acima.

Com isso, o que se revela é que “(...) a existência cotidiana, por estar no mundo, é sempre parte de uma interioridade extática (...) O Dasein é seu próprio lugar, e este se abre pela habitação dos que coexistem confusamente imbricados” (Sloterdijk, 2016, p. 565). Dizendo de outra forma, a característica compartilhada das esferas (por exemplo, o uso de talheres, ou a popularidade do TikTok) tem esse aspecto impalpável de um hábito, um costume compartilhado que apenas *se faz* impessoalmente. Esse estabelecimento de cotidianidade compõe o caráter de Habitação criado/prescrito pelas culturas – cria um Interior habitável a partir de e para essa coexistência um tanto impalpável e confusa entre pessoas que compartilham modos-de-ser impessoalmente¹⁰.

Com isso, à guisa de uma síntese desta tese, compreende-se que o homem, exposto e ameaçado por sua abertura ontológica, cria/descobre sua habitação no mundo (ser-em) num movimento acompanhado (ser-com). Isso ocorre na coexistência surreal de/em espaços interiores imunologicamente efetivos, estes que são as condições para que “um ser humano floresça e venha ao mundo ou fracasse e fique detido em espaços infernais” (Pessanha, 2018, p. 42).

Alguns exemplos que podem ajudar a ilustrar uma compreensão esferológica:

Pode-se pensar na vida de um escritor, e como a relação com os livros e a literatura desempenham esse papel vital de acompanhamento existencial – ilustrar-se-á isso com base em um personagem da obra do romancista Philip Roth, autor consagrado no cânone literário americano. Nos livros da coletânea “Zuckerman Acorrentado: 3 romances e 1 epílogo” (Roth, 2011), conta-se a história do personagem Nathan Zuckerman, um escritor em seu processo de formação. No decorrer dos livros, o narrador vai nos contando do desenvolvimento da relação de Zuckerman com a literatura. Esta obra mostra os primeiros contatos com livros, da descoberta da ficção, dos primeiros textos que escreveu – conta também de como esse interesse foi lhe conquistando certo espaço na família, no colégio, etc. como “o menino

10 Nessa questão, o pensamento de Sloterdijk deriva diretamente da ideia do “a gente” Heideggeriano - essa “influência” comunal que de alguma forma orienta impessoalmente os costumes.

que gosta de livros”, “o rapaz inteligente”. Com o decorrer desse interesse, o personagem se desenvolve como “um intelectual da literatura”; na faculdade direciona seus estudos e todas suas vivências para isso, e se forma tendo em mente tornar-se escritor – o livro nos narra como Zuckerman mantinha diários, anotações de seus dias e das experiências, fazendo isso com o objetivo de angariar material para alimentar sua ficção. A literatura e a escrita são seus Nobjetos, e esse mundo se torna sua Esfera. Com isso, o personagem desenvolve uma relação realmente vital com a escrita; num vocabulário sloterdijkiano, dir-se-ia que Zuckerman foi possuído pela literatura. Como relatado na obra:

Escrever (...) era o único objetivo recompensador, a experiência inigualável, a luta inflamada, e não era possível escrever senão como um fanático. Na ficção, sem fanatismo nada se obtinha de grandioso. Naquela altura, Zuckerman nutria as expectativas mais elevadas sobre a gigantesca capacidade que a literatura tinha de tragar e purificar a vida. Escreveria mais, publicaria mais, e a vida se tornaria colossal. (Roth, 1983/2011, p. 397).

O que decorreu disso foi uma notável carreira de escritor. Fora as reviravoltas dos romances, e a capacidade e talento que o personagem teria na escrita, o essencial que se quer apontar aqui é: Zuckerman teve sua existência animada pela literatura. Desde os primeiros envolvimento com ela, a vida do personagem se definiu pela relação forte com a literatura – foi o nobjeto fundamental que se aliou à sua existência; munuiu-a de sentido e possibilitou sua Habitação no mundo, isto é, a passagem para meios maiores e diferentes. Zuckerman teve como propósito de vida sua devoção à ficção e criou seu espaço no mundo como escritor.

Outro exemplo, oriundo da prática psicológica: Caran (2013) relata o psicodiagnóstico de Sílvia¹¹, uma menina de 8 anos encaminhada ao serviço pela escola por apresentar comportamento considerado sexualizado demais para sua idade, tentando beijar os meninos de sua turma na boca, espiando-os no banheiro, etc. Para compor o psicodiagnóstico, a psicóloga realiza visitas domiciliares, que têm o objetivo de conhecer o mundo-lar da criança, os valores familiares entranhados na organização doméstica.

11 Nome fictício.

Foi a menina quem apresentou seu lar, dando destaque ao quarto dos pais, seu “parque de diversões” (Caran, 2013, p. 158): o quarto é mobiliado com colchão d’água, há espelho na parede e no teto, “uma enorme banheira de hidromassagem redonda” (p. 158), fitas de vídeos pornográficos na estante. A análise da psicóloga acerca daquele lar familiar – da Esfera na qual Sílvia habitava – apontou que “havia naquela casa, mais especificamente em seu quarto [dos pais], um ambiente extremamente excitante e sexualizado que incitava este comportamento de sua filha” (Caran, 2013, p. 159). Quando o pai chegou em casa, foi recepcionado com selinhos na boca pela esposa e pela filha. Ou seja, aquele mundo compartilhado, aquela Esfera familiar exacerbava a dimensão da sexualidade da existência, sendo incorporada por Sílvia: foi seu modo original de insuflação, constituinte de seu modo de existir. Como conclui a psicóloga: “A sexualidade não estava apenas nas pessoas; estava entranhada no espaço habitado, e dele exalava seus próprios odores e impregnava o espaço psíquico de Sílvia” (p. 159). Num vocabulário esferológico, pode-se dizer que a Esfera familiar a insuflou dessa maneira, considerada sexualizada – o espaço que habitava era constituído dessa forma – e, conseqüentemente, se transferiu para as próximas Esferas. Nesse pensamento, a interpretação não segue tanto para os lados de uma individualidade psíquica, cuja pulsão sexual, por exemplo, estaria se destinando de modo exacerbado para o mundo exterior. Esferologicamente, o comportamento de Sílvia é compreendido como um vocabulário existencial proveniente da insuflação parental e habitação nesse espaço dito sexualizado.

Contudo, tem-se de pensar na possibilidade de que essas formas de acompanhamento se percam, ou percam sua força animadora. Com isso, o que se passa com a existência de Nathan Zuckerman quando a literatura e a escrita se perdem como aliados existenciais? E, se os pais de Sílvia perdem o interesse, a preocupação e o zelo com a filha? Ou se esse vocabulário habitacional sexualizado for inflexível e incompatível com as Esferas seguintes? – isto é, o que ocorre se um sujeito perde seu aliado e não consegue achar formas de acompanhamento que deem esse sopro vital? Qual espaço no mundo lhe resta nesse caso? É neste rumo que se pensa a depressão à luz da Esferologia.

UMA COMPREENSÃO ESFEROLÓGICA ACERCA DO FENÔMENO DA DEPRESSÃO

Sloterdijk elabora sua compreensão acerca da Depressão fazendo um paralelo com o texto “Luto e Melancolia”, de Freud. Neste texto, o psicanalista austríaco estabelece uma relação entre o luto e a melancolia como uma questão de perda de objeto. Se o enlutado sofre da “perda de uma pessoa querida ou de uma abstração que esteja no lugar dela” (Freud, 1917/2019 p. 100), o melancólico perdeu algo maior que o próprio objeto – algo mais estruturante –, de forma que o próprio Eu “se tornou pobre e vazio” (p. 102). Contudo, mesmo nesta construção consideravelmente clara e coerente da perda melancólica, a perspectiva freudiana se mantém no que Sloterdijk critica: de como um modelo de relação sujeito-objeto não dá conta de pensar a forma como a existência se estrutura – medialmente.

É neste ponto que o conceito de nobjeto se mostra valioso na compreensão da Depressão, pois, na perspectiva esferológica, esse *algo* que se perdeu foi justamente o polo complementador, a outra metade que anima a existência e cria um “campo de proximidade vivificador” (Sloterdijk, 2016, p. 418). Com isso, Sloterdijk compreende o “distúrbio melancólico-depressivo como um genuíno caso de luto ocorrido na mais estreita proximidade do sujeito” (Sloterdijk, 2016, p. 416), isto, dado que o sujeito perdeu seu “duplo invisível que deveria tê-lo convencido da insuperável vantagem de ser ele próprio e ninguém mais” (p. 418). Nessa compreensão medial-esferológica do assunto, “a melancolia é a forma maciça da crença de ter sido abandonado pela divindade complementar íntima, por cuja presença inicial a própria existência tinha principiado seu movimento natal” (Sloterdijk, 2016, p. 418).

Retomando o exemplo de Zuckerman, a análise esferológica o consideraria melancólico no momento em que este perdesse seus laços vitais com a escrita e a literatura (em tudo que o envolve). Neste cenário, a escrita não se presta mais como um acompanhante existencial. Em certo ponto de sua história, o personagem passa por situações (dores crônicas e conflitos familiares) que, afinal, expulsam a literatura dessa posição. Ao início do 2º capítulo do romance “Lição de Anatomia”: “Zuckerman perdera seu tema. A saúde, os cabelos e o tema (...) *Tudo que o animava estava extinto,*

deixando-o sem nada que fosse inconfundivelmente seu e de mais ninguém para que ele pudesse reivindicar, explorar, aumentar e reconstruir” (Roth, 1983/2011, p. 302, grifo nosso)

Ainda sobre Zuckerman, utilizando um vocabulário esferológico, pode-se encontrar nesse trecho um exemplo de quão vitais são os acompanhamentos – as relações fortes com nobjetos. O excerto demonstra brevemente a situação em que se encontra o sujeito desacompanhado daquilo que o animou a vida inteira; se sua vida inteira foi a literatura, e esta não está mais disposta como sua – não sopra mais esse sopro vital – não há mais animação, não há mais tema – isto é, perde-se aquilo de que se dizia fazer a vida valer a pena ser vivida. O decorrer desse arco narrativo só se aprofunda mais na demonstração de que, sem a literatura (um nobjeto fundamental), a vida perde seu sentido, o sujeito perde seu lugar; a dor crônica do personagem o impede de ser quem sempre foi: um escritor. Sem isso, não há mais espaço para sua existência: o sujeito não Habita mais seu próprio mundo.

No exemplo de Sílvia, poder-se-ia pensar num acompanhamento existencial tão particular e individual que seu modo-de-ser se vê enclacrado, sem alternativa de continuidade – de Habitação nas Esferas seguintes. Nessa esteira, chama-se de melancolia se, em conjunção com essa perda, o sujeito não for capaz de “repor” algo que entre nesse lugar. Isto é, se sua capacidade de Transferência não dá conta desse deslocamento de posição, dessa perda essencial.

Dado que a compreensão sloterdijkiana leva em conta a formação do sujeito desde o princípio do que poder-se-ia chamar de vida (vida intrauterina), compreende-se que as primeiras alianças deste sujeito não promoveram força suficiente para ultrapassar esse determinado ponto de sua existência, de modo que “junto com o ‘objeto’, [o sujeito perdeu] a maior parte de sua competência comunicativa” (Sloterdijk, 2016, p. 422). Ou seja, no exemplo, perdeu-se *algo* vital na escrita e na literatura cuja função imunológica não teve forças de se transferir para outra “região”. Foi ultrapassado o limite da sua capacidade de Habitar em vistas da falta de algo que conferisse confiança nesse mundo seguinte.

Com isso, a existência melancólica murcha-se de mundo, desprotegida demais para seguir os caminhos da vida, estando constantemente

ameaçada por sua própria abertura ontológica e incapaz de imunizar-se dela. Por isso, o sujeito melancólico segue com um exilado: sem *seu* lugar no mundo, desprovido de algo que o acompanhe, que o anime, sem um aliado, “sem espírito protetor, o indivíduo sem amuleto, o Si sem espaço” (Sloterdijk, 2016, p. 349). Nas palavras do autor: “Uma teoria psicológica sensata dessa relação [das dualidades vitais] sugere, portanto, compreender o melancólico como um solista involuntário que, após a separação de seu parceiro constitutivo no dueto, fica sem peça, sem instrumento e sem exercício capaz de animá-lo” (Sloterdijk, 2016, p. 422).

Portanto, o sujeito segue nesse exílio até o ponto em que haja algo que consiga e possa se prestar como um aliado que insufla novamente algum sopro vital numa existência que murchou (por exemplo, com a descoberta de uma religião, uma nova atividade, uma psicoterapia e outras formas de complementação possíveis).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Findo o artigo, espera-se ter introduzido algumas das principais ideias de Peter Sloterdijk ao público da Psicologia, e sua aplicação mais direta a um fenômeno compreendido como psicológico, a Depressão. Essa questão é pertinente, pois, muito embora a obra de Sloterdijk tenha grande prestígio no panorama intelectual contemporâneo, seus usos ainda não chegaram às áreas da psicologia, e, como se espera ter demonstrado acima, a Esferologia pode ser uma aliada destas. De forma mais direta, em vários de seus textos, Sloterdijk referencia autores da Psicologia (como Freud, Laing, Lacan etc.), trabalha com temas do campo – como o funcionamento de psicoterapias (Sloterdijk, 2019), a história antecedente da psicanálise e filosofia da psicologia (Sloterdijk, 1988), fenômenos como Depressão (Sloterdijk, 2016) e Neurose (Sloterdijk, 2019) –, e, de outra forma, sua produção original se comunica com autores como Winnicott (Pessanha, 2017), FÉRENCZI, Binswanger (Pessanha, 2017), entre outros. Nesse aspecto, Sloterdijk desenvolve temas próprios que dialogam de forma muito prolífica com conceitos desses autores “próprios da área” (como de constituição psíquica/subjetiva, relevância do ambiente e relações, espacialidade existencial etc.).

Dito isso, também se pensa ser necessário apontar sobre a limitação da teoria sobre a Depressão exposta linhas atrás. Sloterdijk (2016) aborda esse fenômeno em uma digressão no desenvolvimento do livro (mais especificamente, a “Digressão 6: O Luto das Esferas – sobre a perda do nobjeto e a dificuldade de dizer o que falta”). Isto é, no decorrer de suas explicações e demonstrações sobre a teoria esferológica, Sloterdijk traz sucintamente esse fenômeno para, com ele, demonstrar o funcionamento de suas ideias. Desse modo, não há um estudo volumoso e minucioso sobre o desenvolvimento, a nosologia e etiologia, a terapêutica etc., disso que se compreende como um fenômeno psicopatológico – a obra sloterdijkiana não analisa a Melancolia à exaustão. O que há é o desenvolvimento maior de uma teoria que pretende se deter com questões mais amplas – a esferologia aborda a fundante relação existencial dos humanos com seu espaço (espacialidade) e com os outros (coexistência). É nesse contexto que se encontra a visão sobre a Depressão que, para se desenvolver de forma mais própria nos campos da psicologia, necessita de posteriores pesquisas. No que trata esta e várias outras questões, fenômenos, conceitos etc. pode se pensar que há muito potencial para uma ligação prolífica entre a Esferologia, estudos e práticas já consolidadas nas áreas de Psicologia e Psicanálise.

REFERÊNCIAS

- Caran, L. (2013). Visita domiciliar: a dimensão psicológica do espaço habitado. In: Ancona-Lopes, S. (Org.), *Psicodiagnóstico interventivo: evolução de uma prática* (pp. 143-165). São Paulo, SP: Cortez.
- Cespedes, F. G. (2018). A comunicação esférica de Peter Sloterdijk. *MATRIZES*, 12(2), 311-316. <https://doi.org/10.11606/issn.1982-8160.v12i2p311-316>.
- Cook, D. J., Mulrow, C. D., & Haynes, R. B. (1997). Systematic reviews: synthesis of best evidence for clinical decisions. In *Annals of Internal Medicine* (Vol.126, n. 5, pp. 376-380). <https://doi.org/10.7326/0003-4819-126-5-199703010-00006>. Disponível em: <https://www.acpjournals.org/doi/10.7326/0003-4819-126-5-199703010-00006>. Acesso em: 09 jan. 2022.

- Freud, S. (1917/2019). Luto e Melancolia. In S. Freud, *Neurose, Psicose e Perversão* [série Obras Incompletas de Sigmund Freud]. Belo Horizonte, MG: Autêntica Editora.
- Ghiraldelli Junior, P. (2017). *Para ler Sloterdijk*. Rio de Janeiro, RJ: Editora Via Verita.
- Ghiraldelli Junior, P. (2018). *10 Lições sobre Sloterdijk*. Petrópolis, RJ: Editora Vozes.
- Pessanha, J. G. (2017). *Virada imunológica e Analítica do Lugar* (Tese de doutorado em Filosofia). Universidade de São Paulo.
- Pessanha, J. G. (2018). *Recusa do não-lugar*. São Paulo, SP: Ubu editora.
- Roth, P. (2011). *Zuckerman acorrentado: 3 romances e 1 epílogo*. São Paulo, SP: Companhia das letras.
- Rother, E. T. (2007). Revisão sistemática X revisão narrativa. *Acta Paul Enferm., São Paulo*, 20(2), v-vi. doi: <https://doi.org/10.1590/S0103-21002007000200001>.
- Sloterdijk, P. (2016). *A Árvore Mágica – O surgimento da psicanálise no ano de 1785. Tentativa épica com relação à filosofia da psicologia*. Rio de Janeiro, RJ: Casa Maria Editorial.
- Sloterdijk, P. (2016). *Esferas I: Bolhas* (José Oscar de Almeida Marques, Trad.). São Paulo, SP: Estação Liberdade.
- Sloterdijk, P. (2012). *Crítica da razão cínica*. São Paulo, SP: Estação Liberdade.
- Sloterdijk, P. (2019). Épocas de animação – Sugestões para uma filosofia histórica da neurose. In *Pós-Deus*. Petrópolis, RJ: Editora Vozes.

Recebido em 11/02/2022

Aceito em 21/05/2025



Esta obra está licenciada com uma Licença Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional, que permite o uso irrestrito, distribuição e reprodução em qualquer meio, desde que a obra original seja devidamente citada.